



Mística e espiritualidade da paz e não violência

Mystic and spirituality of peace and non-violence

Erico Hammes*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Programa de Pós-Graduação em Teologia, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

Este artigo aborda a espiritualidade cristã, na perspectiva dos estudos de paz e não violência. Partindo da urgência de uma cultura de paz na sociedade atual em geral, e na sociedade brasileira em particular, interroga-se a tradição cristã por sua vinculação entre a espiritualidade e a paz e não violência. Servem como base alguns estudos e textos referenciais dos últimos 50 anos no campo da teologia e espiritualidade da paz, de documentos de Igrejas cristãs, bem como de autores pacifistas. Comprova-se a circularidade hermenêutica e a relação essencial entre a cultura de paz, a espiritualidade cristã e a existência profética e mística.

Palavras-chave: Paz. Não violência. Espiritualidade da paz. Mística.

* EH: Doutor em Teologia, e-mail: ehammes@pucls.br

Abstract

This article discusses the Christian spirituality from the perspective of studies of peace and non-violence. Starting with the urgency of a culture of peace in modern society in general, and Brazilian society in particular, Christian tradition is questioned for its connection between spirituality and peace and non-violence. Some studies serve as basis and reference texts in the last 50 years in the field of theology and spirituality of peace, of Christian Churches documents, as well as pacifist authors. The article proves the hermeneutic circularity and the essential relationship between the culture of peace, Christian spirituality, prophetic and mystical existence.

Keywords: *Peace. Non-violence. Spirituality of peace. Mystic.*

Introdução

Este estudo pretende mostrar a íntima relação entre a espiritualidade e o empenho em favor da paz, considerando a violência — presente no mundo e no Brasil — como sendo o conceito abrangente para expressar a contradição à paz. O século XXI, como já se tornou lugar-comum, iniciou sob o signo do retorno da violência religiosa, com o atentado de 11 de setembro de 2001. Ao lado das demais formas cunhadas ao longo do século XX, evidenciou-se assim, mais uma vez, o risco de uma vivência religiosa violenta, e mesmo a possibilidade de uma espiritualidade da violência e da guerra. Considerando várias das pesquisas já publicadas sobre espiritualidade da paz, recorrendo à biografia de alguns nomes destacados do pacifismo, estendem-se as implicações para a espiritualidade da paz.

A principal motivação para essa pesquisa vem do contexto de violência, seja na forma de guerras e conflitos armados, com seu elevado número de vítimas, seja na forma de violência do crime nas sociedades locais. O caso brasileiro é particularmente desafiador. Sem estar em conflito armado com outro país nem se encontrar em guerra civil, registra anualmente, de acordo com dados oficiais, em torno de 100 mil vítimas fatais de causas violentas (WASELFSZ, 2014). Trata-se de um dos mais

altos índices mundiais, superior ao da maioria dos índices de países em guerra. Ao mesmo tempo, é um país de grande religiosidade e presença de instituições religiosas, que, por sua natureza, promovem a espiritualidade. Nasce daí algumas perguntas para serem discutidas. Por um lado, a espiritualidade proposta ignora a violência? Ou existirá uma espiritualidade da violência, assim como se pode identificar uma espiritualidade da guerra? Ou a espiritualidade trata a violência apenas como uma fatalidade? De outra parte, como pode constatar-se um anseio de paz e tranquilidade, não seria coerente recuperar e propor uma espiritualidade favorável ao anseio de paz? Quais seriam as raízes de uma tal espiritualidade? Quais seriam suas características?

Quanto à literatura existente, apesar de uma ocorrência relativamente frequente do termo em várias línguas, a elaboração mais abrangente está em R. Coste (1997, p. 399-430). Antes dele, uma coletânea de textos inspiradores foi publicada por *Pax Christi International* (1983). Finalmente, o verbete *Paix*, do *Dictionnaire de Spiritualité* (VILLER; BAUMGARTNER; RAYEZ, 1937, p. 40-74, v. 12, t. 1), de fato publicado em 1984, dividido em duas partes, apresenta, na primeira, uma leitura geral da situação da paz e da guerra entre as nações, especialmente sob o pano de fundo da corrida armamentista, e aborda, na segunda, o tema da paz interior. Além dessas, salvo melhor aviso, não se encontram obras gerais mais recentes sobre o tema; o que existe são muitas contribuições dedicadas a aspectos particulares do tema geral.

Entre os fatores importantes que se deve levar em conta no contexto atual, cabe destacar o movimento ecológico, o pluralismo cultural e religioso e as relações internacionais dos processos de globalização.

O conceito de paz

A história humana, de um lado, é escrita a partir das diversas formas de violência e, muitas vezes, pelas guerras de povos, grupos e pessoas entre si. De outro, está uma tradição de resolução dos conflitos por meios não violentos, portanto, de paz. Poderia dizer-se que a humanidade vive na tensão entre a guerra e a paz, ou entre as formas violentas e

não violentas de conviver. O ódio e o amor são os dois polos entre os quais se move a existência humana enquanto é uma história de conflitividade e resolução de conflitos. De certo modo, pode descrever-se esse conflito em termos de Freud como um conflito entre Eros e Thánatos. A vida, em última instância, depende de forças capazes de resistirem aos impulsos de morte e assassinato, ou seja, de um instinto de autopreservação que, para além de uma simples defesa de ataques, também se manifesta na capacidade para resistir com outros sujeitos. Ou seja, a autopreservação requer uma heteropreservação ou heteroproteção: o ódio encontra seu limite na necessidade do amor: no mínimo como uma espécie de egoísmo coletivo ou altruísta.

Os conceitos de paz podem oscilar desde a simples indiferença até a “paz” firmada na destruição do inimigo. A paz de que aqui se fala é outra coisa que o contrário da guerra. Em coerência com os estudos recentes, pode ser descrita como a resolução não violenta e criativa dos conflitos (cf. GALTUNG, 1996, p. 9). Enquanto os conflitos podem ser considerados como parte da própria realidade, a violência é opcional. Assim entendida, a paz está em contradição com toda forma de violência, seja ela física, simbólica, religiosa, ideológica, social, econômica ou cultural. A não violência, por sua vez, traduz literalmente o termo *Ahimsa* (do sânscrito *a*, “não”, + *himsa*, “violência”) que, com *satyagraha* (do sânscrito *saty*, “verdade”, + *agraha*, “firmeza”), formavam os termos com os quais Gandhi descrevia o método de resistência e transformação social na África do Sul, primeiro, e na Índia, depois (GANDHI et al., 2007, p. 552-558). Trata-se de resolver transformadoramente conflitos, com a firmeza da verdade e sem violência. Mas sua completa superação é possível apenas no amor incondicional ao inimigo. Sob esse ponto de vista, Gandhi fala de Jesus como aquele que talvez tenha sido quem mais praticou a resistência ativa, não violência por excelência (cf. GANDHI et al., 2007, p. 809).

A compreensão da paz como a transformação dos conflitos, com a firmeza da verdade, sem violência, elimina a tentativa de usar a paz como um pretexto para a violência ou como alibi para não resolver os conflitos. Muito menos como fuga a seu mundo interior. Do ponto de vista católico, pode tomar-se como aproximação a ideia sintética de R. G. Musto (2002, p. 14), para quem

a construção da paz [*peacemaking*] é um princípio ativo que procura libertar todas as pessoas; mas porque é relativo tanto ao fim quanto aos meios de salvação [...] converte os corações dos indivíduos para trabalharem em favor da paz e mudar a sociedade de baixo para cima.

A *Carta da Terra* (n. 16, item f) entende a paz como “a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte”. Tem-se, portanto, um caminho e um horizonte para a paz.

O caminho se abre a partir do horizonte, a plenitude a ser atingida ou uma utopia real, à medida que é capaz de se mover para a mudança de relações. Seu início está no coração, no espírito que se converte sempre, diante da realidade e a cada passo em direção ao horizonte.

Em busca de um conceito de espiritualidade da paz

Para os efeitos do presente estudo, considera-se a espiritualidade como a vida que vem de Deus, vida segundo o Espírito Santo. Com essa definição, sintetizam-se os dois sentidos do termo *espírito*: por um lado, o correspondente ao *nous*, ao mental humano; por outro, ao *pneuma* divino (cf. LOUTH, 2004, p. 1843; SUDBRACK, 2006, col. 852-860). Mais precisamente, de acordo com Fiores (1993, p. 347), a espiritualidade pode ser entendida como “a coincidência do espírito humano com o Espírito divino”. A espiritualidade assim conceituada é uma forma de viver em e relacionar-se com a realidade, como um polo referencial ao qual a pessoa se transcende e se vincula transformadoramente em sua própria qualidade espiritual (*nous*). Embora seja pensável uma espiritualidade sem Espírito Santo, nas religiões não cristãs, ou até mesmo uma espiritualidade para ateus, no cristianismo a vida espiritual é associada teologicamente à Terceira Pessoa da Trindade divina.

É fundamental ter presente que a espiritualidade cristã é, por definição, espiritualidade encarnada, uma espiritualidade que “se faz carne”, como lembra Fernando Montes (PANASIEWICZ; VITÓRIO, 2014, p. 16-34). Vive da realidade como sua interpelação, ou o clamor ao qual se deve responder. Uma sociedade e uma realidade conflitivas requerem

uma espiritualidade correspondente, a insegurança do próprio conflito e a busca de resolução em meio às incertezas que o acompanham. Assumir a condição e buscar a compreensão da realidade, sem subterfúgios, é condição necessária de despojamento para uma espiritualidade da paz. Grandes pacifistas, como Gandhi e Luther King, encararam o gigantismo da violência sem abdicarem de sua fé. A espiritualidade da paz se alimenta, em seguida, da solidariedade com as vítimas da violência, sejam amigas ou inimigas, nacionais ou estrangeiras. O mistério divino se identifica justamente com os derrotados.

No caso brasileiro, porque os referenciais tradicionais de ruptura da paz — a guerra civil e, especialmente, a guerra com outros povos — não se verificam, faz-se necessário esse primeiro momento da espiritualidade da paz: a consciência das outras formas de violência. Além da estrutura de desigualdade e injustiça que produz relações constantes de violência, é preciso que as mortes causadas por violência direta sejam levadas a sério. Enquanto milhões de pessoas sofrem constantemente com a fome e a violação de seus direitos humanos fundamentais, como habitação, saúde, educação, segurança, aproximadamente 56 mil pessoas são vítimas de assassinato e 46 mil, de acidentes de trânsito (cf. WAISELFISZ, 2014, p. 29, 74). Esses simples dados são suficientes para indicar o quanto essa sociedade é violenta. Numa comparação com outros 100 países, o Brasil aparece em sétimo e quarto lugar nas taxas de homicídios e acidentados de trânsito, respectivamente, superando as cifras de muitos países que vivem em guerra. Tanto mais é urgente a elaboração de uma espiritualidade de paz para subsidiar os esforços de paz e não violência.

Espiritualidade da paz e Novo Testamento

A espiritualidade cristã da paz compartilha suas raízes com a tradição judaica, em particular do Antigo Testamento, e da existência de Jesus de Nazaré. De modo geral, a construção da paz é entendida nessa tradição como parte da relação com a Transcendência. O impasse da guerra de extermínio total, tornada possível com os modernos arsenais, favoreceu uma hermenêutica bíblica a partir da paz. Para o Novo Testamento,

as pesquisas a respeito da prática de Jesus de Nazaré ampliaram os subsídios em favor do pacifismo, não por último, graças aos próprios movimentos pacifistas (cf. COSTE, 1991; DEAR, 2008; WILL, 1989).

Especificamente para a espiritualidade, R. Coste (1997, p. 402) entende que “a teologia contemporânea deve mostrar que [a paz] diz respeito a todos os aspectos da vida humana e que todos que pretendem seguir Jesus Cristo devem esforçar-se por acolhê-la e concretizá-la em todos os seus aspectos”. Mais ainda: trata-se “de uma propriedade divina, enquanto paz de Deus, que no Verbo encarnado se torna paz de Cristo” (cf. COSTE, 1997, p. 402). Na mesma linha, sugere que, a partir da carta aos romanos, é possível afirmar o entrelaçamento entre a caridade, a justiça e a paz no Novo Testamento, como expressão da verdadeira conversão. A paz se destaca no Reino de Deus, ao lado da justiça e da alegria no Espírito Santo, em contraste com a comida, que era o objeto do dissenso e da divisão (cf. Rm 14, 17-19). A conversão à caridade e à paz traduz o distanciamento do mundo em favor da vontade divina e do que lhe agrada (cf. Rm 12,2). Assim, a atitude em relação aos outros será de bênção aos perseguidores, alegria com os que se alegram e choro com os que choram; solidariedade com os mais humildes, “procurando, se possível, viver em paz com todos” e tratando bem os inimigos para vencer “o mal com o bem” (cf. Rm 13, 14-21). Dessa maneira, “a Igreja deve ser uma comunidade de amor e de paz”.

A relação da paz ao Espírito Santo, além do texto mencionado de Rm 14,17, ainda aparece em 15,13. É o Espírito quem concede a paz e “nos ajuda a sermos seus promotores na sociedade humana” (cf. COSTE, 1997, p. 405). Dessa relação afirmada, pode-se adiantar um princípio essencial da espiritualidade da paz: a disponibilidade para ser vinculado ao Mistério Divino, à realidade humana e à criação. A vinculação, por sua vez, gera a responsabilidade e o compromisso de agir transformadoramente em favor da resolução dos conflitos e da criação de novos vínculos.

René Coste destaca, em seguida, a relação entre a conversão e a paz. A conversão pode ser vista como a passagem do amor receptivo ao amor doação. Lembrando Is 30,15, afirma a confiança em Deus como o fundamento da espiritualidade da paz e a consequente “prática da justiça para com todos e da solidariedade em relação aos pobres, no lugar de uma religião formalista, que mascara a injustiça e a violência” (COSTE, 1997,

p. 406). À luz de outros textos do Antigo Testamento, sem dúvida, a partir do Evangelho, insere-se o apelo do amor de doação, aparecido em Jesus de Nazaré e que se realiza, pela graça, como “comunhão com Deus que é amor e que é paz”, vivida entre o Pai, o Filho e Espírito Santo de uma forma “impossível de outro modo” (COSTE, 1997, p. 407). Esse amor total, destacado pelo autor, possibilita e caracteriza o engajamento em favor da paz. A referência à comunhão divina ilumina a disposição à constituição da comunidade humana, seja ela na amizade, na família ou na sociedade. Segue-se a “confiança em Deus [...] rocha da espiritualidade e da ação pela paz” (COSTE, 1997, p. 408), lembrando Simeão: “agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra” (Lc 2,29). Por fim, na oração e na abertura a tudo o que é bom, prepara-se o caminho para o advento da paz de Deus e do Deus da paz: “Então a paz de Deus, que excede toda compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus [...]. Então o Deus da paz estará convosco” (cf. Fl 4,7,9).

Na opinião de R. Coste, Rm 8, o grande texto “sobre a vida cristã no Espírito, situa a espiritualidade da paz no seu centro”, pois “o desejo da carne é a morte, ao passo que o desejo do espírito é a vida e a paz” (cf. Rm 8,2). Deve notar-se aqui a dificuldade para a tradução do termo grego *pneuma*, que poderia referir-se ao espírito humano ou ao Espírito Divino. Ao menos segundo a opinião de alguns exegetas, trata-se do Espírito Santo (cf. WILCKENS, 1980, v. 2, p. 140-145). A paz de que se fala vem da graça e da justificação, é dom divino, que tem como consequências práticas a atitude de oração e uma exigência de transformação no modo de viver, passando da morte (a violência) à vida (a não violência e a paz).

Pode concluir-se, com R. Coste, “que o dom da paz de Deus em Cristo era um dom inestimável” e um mandamento, o de serem “promotores da paz” (cf. Mt 5,9) em todos os âmbitos, sejam eles familiares, sociais, políticos, internacionais e estruturais, mesmo que alguns não apareçam explicitamente no Novo Testamento (cf. COSTE, 1997, p. 410s; MERUZZI, 2009, p. 199). Meruzzi (2009, p. 193) é ainda mais enfático ao dizer que ser promotor da paz é a “ação central de quem entra na intimidade com Cristo”, preparada pelas bem-aventuranças precedentes. Lembra, ainda, que se trata de “uma disposição ativa e não uma simples inclinação à paz, e que deve ser relacionada ao amor aos inimigos” (Mt 5,44-48).

O Novo Testamento, portanto, funda uma espiritualidade da paz com a referência a Jesus de Nazaré, em sua existência de perdão e amor aos pecadores e inimigos, em sua entrega ao Pai e à humanidade, no envio do Espírito Santo e na missão de proclamar a vinda do reinado de Deus. O chamado à existência filial e à comunhão com o Mistério trinitário no Espírito Santo condensa a espiritualidade cristã da paz e não violência.

Percurso histórico da espiritualidade da paz

À medida que o próprio Novo Testamento é testemunha das primeiras décadas de comunidades cristãs, pode-se inferir uma prática espiritual de cultivo e busca da paz nos ambientes comunitários e na relação com outros contextos. Em especial, destacam-se as admoestações para uma vivência de concórdia e não violência diante dos poderes constituídos, aceitando a condição martirial ante a expectativa da proximidade do fim dos tempos. No período subsequente, destaca-se a tradição monástica oriental, que leva à tradição hesicasta — encontro pessoal silencioso com o Mistério Divino e o serviço à contemplação. Obras como a *Filocalia* (cf. PEQUENA..., 1986) e *Relatos de um peregrino russo* (1985) constituem exemplos dessa forma de espiritualidade da paz. No Ocidente, destaca R. Coste (1997, p. 417-418), antes de mais nada, a tradição Beneditina. Com seu espírito de equilíbrio e ordem, sua espiritualidade comunitária e sua busca de perfeição, ao lado da hospitalidade e acolhida aos pobres, cria condições e vivência de paz. No cultivo do aperfeiçoamento constante e da familiarização com o Mistério Divino e do encontro com os outros monges e as pessoas que buscam a comunidade, a vida beneditina se torna um fermento de espiritualidade da paz. Com razão, R. Coste (1997, p. 418-422) lembra aqui a figura de Thomas Merton, que, como trapista, foi herdeiro da tradição beneditina. Sua vida foi uma luta incessante em favor da paz, mesmo se nem sempre adequadamente reconhecido no mosteiro e, circunstancialmente, na Igreja e na sociedade. Esse empenho, no entanto, começava na própria vida e no esforço de conversão pessoal. As principais lições a serem destacadas na vida monástica a respeito de uma espiritualidade da paz consistem na disponibilidade permanente ao mistério divino,

na busca incessante de controle dos impulsos de agressividade e violência, na prática do amor ao próximo e do perdão mútuo, no desenvolvimento da sensibilidade, da atenção e do serviço aos semelhantes.

Em segundo lugar, é recordado “o paradigma franciscano” (COSTE, 1997, p. 422-425) e, em terceiro, “o paradigma dos ‘artífices’ da paz” (p. 425-430).

O paradigma franciscano da paz é talvez um dos mais populares nos dias atuais. Com R. Coste (1997, p. 423), pode-se reconhecer, n’*O cântico das criaturas*, o testemunho poético e literário da irradiação do pregador itinerante que iniciava todas as suas pregações com um desejo de paz, resumo de sua missão, como se pode ver na *Carta a todos os fiéis*: “A todos os cristãos religiosos, clérigos e leigos, homens e mulheres [...], Frei Francisco, seu servo e súdito: submissão com reverência, paz verdadeira do céu e sincera caridade no Senhor” (FRANCISCO DE ASSIS, [1222], n. 1). A irradiação franciscana hoje é acentuada com a vinculação à ecologia, uma das dimensões atuais da preocupação de paz no mundo. Ainda que a chamada *Oração de São Francisco* não seja dele (PEREIRA, 2004), o simples fato de lhe ser atribuída em pleno século XX representa um tributo à sua tradição.

Ao lado das grandes tradições monásticas e religiosas, René Coste menciona, por fim, o que chama de paradigma dos “promotores da paz” (cf. Mt 5,9), assim designando “a experiência de vida de numerosas pessoas cristãs que, um pouco por toda parte, no mundo se inspiram da bem-aventurança evangélica com esse nome e se esforçam por concretizá-la em todas as suas relações” (COSTE, 1997, p. 425). Em outras palavras, a promoção da paz diz respeito a todas as pessoas que aceitam o discipulado de Jesus. Integrando o elenco das bem-aventuranças, consideradas uma espécie de critério geral do cristianismo, o paradigma dos promotores da paz traduz a condição do ser cristão no tocante à paz. Como ilustração desse paradigma, R. Coste cita dois nomes: Takashi Nagai, radiologista de Nagasaki, que se destacou no atendimento às vítimas da segunda bomba atômica, por um lado, e Martin Luther King Jr., pastor presbiteriano, líder do movimento de direitos dos negros nos Estados Unidos, por outro.

Takashi Nagai (03/02/1908–01/05/1951) converteu-se do xintoísmo ao catolicismo, durante seus estudos de Medicina e destacou-se por

sua atividade caritativa em favor das vítimas das guerras do Japão com a China e, especialmente, pela atuação em favor das vítimas da bomba atômica sobre Nagasaki. Embora estivesse acometido de leucemia por sua atividade como radiologista, sobreviveu ao bombardeio e à radioatividade por vários anos, dedicando-se a atender às demais vítimas e promovendo uma espiritualidade de paz e reconciliação. Interpretou a morte dos mais de 8 mil cristãos como um sacrifício expiatório pela crueldade da guerra. Ainda que algumas de suas ideias devam ser melhor elaboradas e não possam ser assumidas acriticamente, é certo que se trata de um testemunho de espiritualidade de paz. Entender e entregar sua vida como serviço à glória divina para aliviar a dor e o sofrimento do próximo e promover a reconciliação entre os povos comprovam a promoção da paz.

Martin Luther King Jr. (15/01/1929–04/04/1968), a partir de sua convicção e espiritualidade cristã, na condição de pastor negro, transformou o coração dos Estados Unidos em relação aos negros e se envolveu em várias outras questões sociais. Unindo, como ele mesmo dizia, os princípios do Evangelho e o método da não violência, conseguiu que a secular discriminação legal contra os negros fosse drasticamente reduzida. Quando foi assassinado, aos 39 anos de idade, seu país estava mudado. A raiz dessa força, que foi até o martírio, é sua espiritualidade, cujos principais traços podem ser encontrados no texto de compromisso assinado pelas pessoas que iriam aliar-se à sua luta em Birmingham (cf. KING JR., 2011, p. 70). De acordo com o texto, os participantes, entre outras coisas, comprometiam-se a: meditar diariamente os ensinamentos e a vida de Jesus; caminhar e falar com amor, porque Deus é amor; pedir todos os dias a Deus para ser instrumento em favor da liberdade humana; sacrificar desejos pessoais para que todos os seres humanos possam ser livres; buscar a atitude regular de serviço aos outros e ao mundo; esforçar-se pela saúde espiritual e corporal. São exercícios e práticas de espiritualidade que edificam e alimentam a existência do agente pacifista. Sua morte como vítima da violência é o testemunho final de sua entrega à justiça por causa do Evangelho.

O fato de destacar alguns nomes ou grupos serve para ilustrar a pertinência à espiritualidade cristã. O engajamento em favor da paz, como já dito aqui, é essencial à autêntica espiritualidade cristã. Não se trata de uma espécie de conselho evangélico, restrito a grupos especiais

na comunidade cristã, mas uma qualidade inerente à vida cristã. Entre muitos nomes que se poderiam acrescentar, pode-se referir a Matthew Stepanek (17/07/1990–22/06/2004). Mesmo tendo vivido apenas 14 anos, marcou a vida de muitas pessoas por sua poesia, sua fé e seu engajamento em favor da paz. Seu processo de canonização está em curso.

Mesmo se essas tradições, historicamente, nem sempre corresponderam a sua vocação pacifista, constituem-se num chamado permanente ao cristianismo e à Igreja para a fidelidade ao Evangelho da paz. Numa leitura mais geral, deveriam ser mencionadas também dimensões sinodais ou regionais inspiradoras e promotoras de espiritualidade de paz. Como exemplo inquestionável, emergem alguns dos papas do século XX (Bento XV e João XXIII, por exemplo) e o Concílio Vaticano II, com a *Gaudium et Spes* (GS). A instituição, por Paulo VI, do dia 1º de janeiro como “Dia Mundial da Paz” insere o tema da paz no ano litúrgico e as mensagens consequentes favorecem a inserção de temas e práticas de espiritualidade da paz. A constante presença do tema da paz na liturgia, além da missa própria, ressalta essa qualidade.

Tomando o exemplo de Gandhi, podem-se identificar, com J. Dear,

para que se encontrem os caminhos que levem à convivência pacífica entre as partes.

Uma espiritualidade da paz surge de um engajamento e da reflexão. O engajamento provoca a fé e pode transformar a espiritualidade ou mesmo fazer surgir uma forma nova de viver o Mistério de Deus. A reflexão pode dar-se na forma de uma teologia e de uma espiritualidade da paz. Como Teologia, pensa teologicamente e reelabora ou destaca os conteúdos da fé relacionados à paz. Como Espiritualidade, abrange os conteúdos e os princípios que, de outra parte, serão experienciados e vividos. Constitui-se na maneira de viver e resolver de forma não violenta a conflitividade; é a resposta prática, a vivência da conversão de um modo novo de se relacionar com o contexto de violência. Talvez as duas obras mais abrangentes sobre uma Teologia da Paz sejam as de Joseph Comblin e René Coste. Mas a extensão do tema permite que se tenham centros de pesquisa e estudos de Teologia e Paz, a exemplo do Institut für Theologie und Frieden (Instituto de Teologia e Paz), de Hamburgo, na Alemanha. Como Espiritualidade, embora existam várias iniciativas e centros de cultivo, os textos disponíveis, à primeira vista, não são muito abundantes. A tradição da paz, contudo, pode ser facilmente encontrada nas diferentes tradições de espiritualidade.

De acordo com René Coste, a importância da paz é de tal ordem que “não há espiritualidade cristã autêntica se não for uma espiritualidade da paz” (COSTE, 1997, p. 399). De fato, um estudo atento da fé cristã, nas condições da história humana e no sulco da tradição cristã, facilmente verificará a centralidade da paz na mensagem do cristianismo. Tanto o tema do messianismo como o da soteriologia fundamentam esse princípio geral. O messianismo recolhe as expectativas judaicas da centralidade do povo judeu e a restauração da nação. A soteriologia exprime a unidade intencional entre o Mistério divino e o ser humano e sua reconciliação após a ruptura. O fato de o cristianismo ter acompanhado o recurso à violência na resolução de conflitos, por meio do uso e abuso da “teoria da guerra justa”, é entendido apenas pelos contextos culturais pós-constantinianos em que se estabeleceu.

Embora se deva lembrar que muitas vezes o cristianismo acompanhou de forma humanitária as vítimas da violência, não se pode deixar de reconhecer uma verdadeira espiritualidade da guerra ou a simples omissão,

quando não participação acrítica, nas mais diversas formas de violência. Alguns dos grandes movimentos religiosos do século XX, além de serem francamente favoráveis a regimes autoritários, também se envolveram ativamente em ações bélicas e estruturas violentas nos respectivos países. O próprio Concílio Vaticano II, contra a vontade expressa de João XXIII, que em *Pacem in Terris* não usa o conceito de Guerra Justa nem fala na hipótese da guerra defensiva, insistindo, ao contrário, na via diplomática para resolução dos conflitos, apesar de seus esforços, não conseguiu a condenação da guerra e da violência. A fim de conseguir consenso maior a respeito da posição a ser assumida, foi necessário admitir o recurso à guerra para o caso “de legítima defesa”, uma vez esgotados todos os recursos (GS, n. 79). Ainda que o Concílio conclame a Igreja para o empenho sério em favor da paz, não conseguiu propor nem apoiar posições contrárias mais radicais. A objeção de consciência é contemplada apenas parcialmente e se entende o serviço militar (nas situações de guerra) como um serviço à paz. Nem mesmo o Catecismo da Igreja Católica mostra avanços significativos a respeito. Refere-se à posição do Concílio e expõe de forma sistemática a doutrina da guerra justa (cf. n. 2307-2317).

Também João XXIII sugere como ponto de partida de uma espiritualidade da paz a relação pessoal de cada um com o mistério de Deus: “Cada cristão deve ser na sociedade humana uma centelha de luz, um foco de amor, um fermento para toda a massa. Tanto mais o será, quanto mais na intimidade de si mesmo viver unido com Deus” (*Pacem in Terris*, n. 163). O encontro com o Mistério Divino se abre, em seguida, para a acolhida da face do outro “de todo rosto humano, mesmo se é o rosto de alguém que se comporta como inimigo” (COSTE, 1997, p. 402). Essa mesma ideia, mais conhecida filosoficamente a partir de E. Levinas, também está presente no Documento de Puebla (cf. n. 31-39) e é retomada no Documento de Aparecida (n. 31). Por fim, cabe mencionar o esforço do Conselho Mundial de Igrejas Cristãs e os documentos de Conferências Episcopais como a dos Estados Unidos (NATIONAL CONFERENCE OF CATHOLIC BISHOPS, 1993) e da Alemanha (DEUTSCHE BISCHOFSKONFERENZ, 2013), indicando elementos de espiritualidade da paz, em particular chamando atenção para os sacramentos, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso como apoios para a espiritualidade cristã da paz.

Conclusão

A espiritualidade cristã, especialmente após a oficialização do cristianismo no Império Romano, acompanhou as guerras e mesmo a violência. Seria possível falar de uma “espiritualidade da guerra ou da violência”. No entanto, nunca se abandonou o princípio mais fundamental e evangélico da espiritualidade da paz, mesmo quando ela se reduzia ao interior da alma, na forma da paz interior. O que aqui se tentou mostrar é a possibilidade de uma espiritualidade da paz e não violência no contexto atual de violência, em todas as suas formas, inclusive a guerra, no Brasil e no mundo. Como é um dos conteúdos essenciais das expectativas humanas, da mensagem religiosa, bíblica e cristã, a paz pode mobilizar existências humanas de forma totalizante em favor da transformação dos conflitos. Pode mesmo traduzir-se em autêntica experiência mística e martirial, gerando a correspondente existência profética. A começar por Jesus de Nazaré e o Novo Testamento, muitas mulheres e homens viveram e morreram por resistirem pacificamente à violência. Muitas outras pessoas simplesmente foram e são testemunhas da boa notícia da paz, seja no trabalho, na pesquisa, na arte ou na vida contemplativa. Acolher e promover a paz, como graça e como tarefa, exige um cultivo permanente da caridade, a renúncia constante aos impulsos destrutivos em favor da vida no Espírito Santo, no prosseguimento de Jesus Cristo e na obediência ao Pai.

O compromisso pela paz representa, então, uma qualidade essencial da espiritualidade autenticamente comprometida com o Evangelho e a vivência do reinado de Deus. Assim como historicamente não existe paz sem espiritualidade, pode-se dizer que nas condições do mundo atual é difícil justificar uma espiritualidade cristã sem compromisso explícito com a paz e a não violência. Tanto a prática de Jesus como a dos mais importantes pacifistas possuem essa estrutura espiritual e profética. Seja São Bento ou São Francisco de Assis, Albert Schweitzer ou Martin Luther King, Teresa de Calcutá ou Dorothy Stang, Thomas Merton ou Matthew Stephanec, Daniel Berrigan ou Dorothy Day, Helder Câmara ou Luciano Mendes de Almeida, Paulo VI ou o atual Papa Francisco, em todas e todos tem-se o princípio da espiritualidade como essencial à militância pacifista, e esse próprio engajamento se torna fonte de espiritualidade.

Referências

CARTA da Terra. Haia, 2000. Disponível em: <<http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. Roma, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 2 jun. 2014.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* (Puebla): a evangelização no presente e no futuro da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1982.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

COSTE, R. *Il est notre paix*. Paris: Editions Ouvrières, 1991.

COSTE, R. *Théologie de la paix*. Paris: Cerf, 1997.

DEAR, J. *Put down your sword*: answering the Gospel call to creative nonviolence. Grand Rapids: William B. Eerdmans Pub. Co., 2008.

DEAR, J. Introduction. In: GANDHI, M. *Essential writings*. 9. ed. Maryknoll: Orbis Books, 2012. p. 17-48.

DEUTSCHE BISCHOFSKONFERENZ. *Gerechter Friede*: 27. September 2000. 4. ed. Bonn: Sekretariat der Deutschen Bischofskonferenz, 2013.

FIORES, S. Espiritualidade contemporânea. In: FIORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de Espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993. p. 341-358.

FRANCISCO DE ASSIS. *Carta aos fiéis*: segunda redação. [1222]. Disponível em: <<http://procamig.org.br/portal/index.php/carta-2-aos-fieis/>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

- GALTUNG, J. *Peace by peaceful means*. London; New York; New Deli: Sage, 1996.
- GANDHI, M. et al. *Gandhi on non-violence*. New York: New Directions, 2007.
- JOÃO XXIII. *Carta Encíclica Pacem in terris*. Roma, 1963. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- KING JR., M. L. K. *Why we can't wait*. Boston: Beacon Press, 2011.
- LOUTH, A. Vida espiritual. In: LACOSTE, J.-Y. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004. p. 1842-1849.
- MERUZZI, M. Beati gli operatori di pace. *Conjectura*, v. 14, n. 3, 189-200, set./dez. 2009.
- MUSTO, R. G. *The Catholic peace tradition*. Maryknoll: Orbis Books, 2002.
- NATIONAL CONFERENCE OF CATHOLIC BISHOPS. *The harvest of justice is sown in peace*. 1993. Disponível em: <<http://www.usccb.org/beliefs-and-teachings/what-we-believe/catholic-social-teaching/the-harvest-of-justice-is-sown-in-peace.cfm>>. Acesso em: 25 fev. 2015.
- PANASIEWICZ, R.; VITÓRIO, J. (Org.). *Espiritualidade e dinâmicas sociais: memória – prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- PAX CHRISTI INTERNATIONAL. *Pour une spiritualité de la paix*. Antwerpen: Omega, 1983.
- PEQUENA filocalia: o livro clássico da Igreja Oriental. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.
- RELATOS de um peregrino russo. São Paulo: Paulinas, 1985. (A oração dos pobres).
- RENOUX, C. *La prière pour la paix attribuée à Saint François: um énigme à résoudre*. Paris: Les Éditions Franciscaines, 2001. Apreciação de: PEREIRA, N. B. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 64, p. 742-746, 2004.
- SUDBRACK, J. et al. Spiritualität. In: KASPER, W. (Hrsg.). *Lexikon für Theologie und Kirche*. Freiburg: Herder, 2006. bd. 9. col. 852-860.

VILLER, M.; BAUMGARTNER, C.; RAYEZ, A. *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire*. Paris: Beauchesne, 1937.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência: os jovens do Brasil*. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2014

WILCKENS, U. *Der Brief an die Römer (Röm 6-11)*. Zürich; Einsiedeln; Köln; Neukirchen-Vluyn: Benziger Verlag, 1980. (EKK VI/2).

WILL, J. E. *A Christology of peace*. Louisville: Westminster; John Knox Press, 1989.

Recebido: 13/02/2014

Received: 02/13/2014

Aprovado: 15/08/2014

Approved: 08/15/2014